

Angus no Brasil Tropical Preto ou vermelho?

por Vasco Beheregaray Neto
Gerente de Mercado Corte da ABS na América do Sul

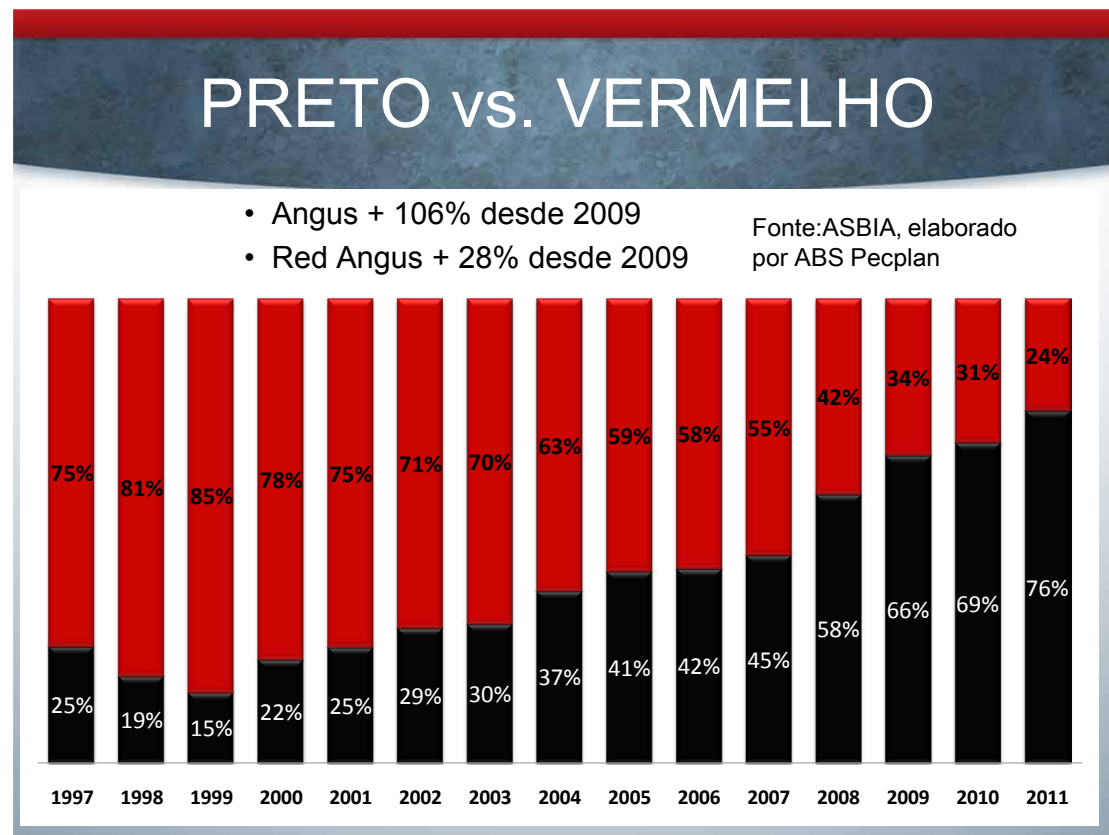
O novo relatório da ASBIA foi apresentando ao mercado. Nele, o Brasil comemora mais um ano de espetacular crescimento no segmento de inseminação artificial. A genética de corte mais uma vez superou os números do ano anterior e apresentou crescimento de quase 27%, atingindo a marca de 7 milhões de unidades.

Dentre as raças de corte, o destaque foi novamente para o Angus que, de forma definitiva, se consagrou como a raça taurina de maior demanda no mercado brasileiro. Isto era

algo já bem evidente nos últimos relatórios e esta mesma predominância da raça é também observada em outros países produtores de carne. Angus é hoje a segunda raça em termos de volume no mercado de inseminação artificial e pelo jeito que o mercado está é provável que volte a superar a raça Nelore. Com tanta demanda de genética das raças taurinas nos últimos anos, temos que repensar aquele velho número dos bancos acadêmicos que falavam que “80% do rebanho brasileiro é composto por zebuínos”. →



O cruzamento industrial com raças europeias se consolidou com uma alternativa para aumentar a produtividade do rebanho brasileiro. A raça Angus tomou o grande espaço deste mercado e, dentro deste cenário, temos outra grata surpresa de ver que a “cor” da raça também mudou. Veja o gráfico e tire suas conclusões.



O Angus preto, outrora, discriminado e alvo de vários preconceitos e mitos do tipo “animal não adaptado”, “não adequado para o trópico”, “baixa resistência a radiação solar”, surpreendentemente é hoje o produto mais demandado da raça. Um bom artigo sobre este assunto foi publicado em 2001 e vale a pena a sua releitura:

Bovino preto é mais resistente à radiação solar

Angus preto pode adaptar-se com mais facilidade do que o vermelho a climas tropicais desde que tenha pêlos curtos, bem assentados e boa capacidade de sudação

Os resultados parciais de uma pesquisa conduzida pelo pesquisador Roberto Gomes da Silva, realizada no laboratório de bioclimatologia animal da faculdade de ciências agrárias e veterinárias da universidade estadual paulista (UNESP), no campus de Jaboticabal/SP, apontam que bovinos de pelame negro apresentam maior resistência à radiação ultravioleta, causadora do câncer de pele, do que animais de pelo vermelho. “O que está sendo investigado é a influência do tipo de pelame, sua pigmentação e a pigmentação da epiderme, sobre transmissão de radiação de ondas deste ambiente até o interior do organismo. Não se trata de testar indivíduos para adaptação ou coisa semelhante, mas as informações obtidas, sem dúvida, são valiosas para o estabelecimento de critérios da escolha de animais ou raça”, explica Gomes.

Quanto mais pigmentada a epiderme, menos radiação passa por ela. É nesse ponto justamente que o Angus Preto leva vantagem, pois animais de raças europeias tendem a ter pelame e epiderme de mesma cor. Já os animais vermelhos não apresentam proteção adequada contra a radiação.

Os bovinos pretos, diz o pesquisador, são bem protegidos contra a radiação, mas a cor negra absorve maior parte da energia radiante causando aquecimento da superfície. Esse desconforto é enfrentado pela eliminação do calor interior do corpo através da evaporação do suor, pela convecção e pela respiração e quando o animal tem uma capa de pelame espessa a dificuldade para a eliminação do calor é maior. Já os animais negros com pelame curto e bem assentado conseguem eliminar facilmente o calor através daqueles mecanismos, ficando menos estressados →

e ao mesmo tempo protegidos da radiação ultravioleta. “Portanto, Angus negros com pelame curto e bem assentado podem dar-se melhor num clima tropical que os vermelhos com pelo também curtos”, conclui Gomes.

A pesquisa não esta encerrada e será conduzida enquanto houver alguma pergunta a responder, pelo menos pelos próximos anos, com a publicação dos resultados sendo feita na medida em que os dados acumulados forem analisados. Na seqüência dos trabalhos serão incorporados ao estudo amostras de pelame de exemplares da raça angus colhidas por Gomes em Uruguaiana/RS.

O proprietário da agropecuária Barion, Antônio Barion, possui hoje um rebanho de mais de 100 animais angus que utiliza para cruzamento industrial com o Nelore, sendo 70% formados por animais pretos e 30% composto por animais vermelhos. Na fazenda Anhemi, em Itu/SP, ele montou um laboratório de TE e cria animais puros, fazendo cruzamento apenas com animais pretos em cima da vacada Nelore em outras fazendas espalhadas pelo interior de São Paulo.

A escolha pelo Aberdeen Angus, diz Barion, deve-se ao fato de, normalmente, o animal cruzado ter a cor preta enquanto o bezerro do Red Angus tem a cor rajada. De acordo com ele, o meio sangue preto alcança melhor preço na hora da venda. “Se eu tiro uma desmama de 100 animais pretos e outra de 100 animais rajados, os pretos eu vendo todos”, completa o pecuarista, “já os rajados o comprador vai querer escolher só os melhores”. Sobre a predominância de animais vermelhos em exposições e leilões no Brasil, ele diz que isto é apenas uma questão de estética, porque o brasileiro acha o vermelho mais bonito. Segundo Barion, a questão da adaptabilidade é mito, pois ele nunca teve problemas de desenvolvimento ou de ganho de peso dos animais cruza Angus, sejam vermelhos ou pretos. ■

FONTE: Revista Angus

